

A CONTROVÉRSIA TEOLÓGICA DOS SÉCS. XVI-XVII DA CEIA DO SENHOR E O ENTENDIMENTO REFORMADO

por Jefté Alves de Assis

INTRODUÇÃO

É interessante, senão irônico, notar que o sacramento pelo qual Cristo mostrou de forma tão bela e profunda seu amor para com a Igreja tem sido motivo para tanta discórdia, e até troca de anátemas durante a história. Tal fato agravasse quando vemos que o efeito da Ceia em nos unir e nos nutrir, serviu ao invés, em sua grande parte, para dividir os protestantes. Inúmeras pessoas deram suas vidas por suas concepções, muitas delas errôneas, sobre a Ceia. Foram isolados, presos, torturados e, até, mortos por causa disso.

Na realidade, a Ceia sempre foi um motivo de muita discórdia. Atualmente, é notório o pluralismo religioso. Não tenho dúvida de que essa “neurose” cismática que há no meio protestante é herança de pessoas que, nos dois primeiros séculos do protestantismo, procuraram mais defender seus pontos de vista, do que estarem dispostos a receber a verdade bíblica.

Este trabalho está longe de apresentar novas teorias sobre a Ceia. Pelo contrário, eu estou interessado em mostrar o entendimento reformado da Ceia (acredito que seja o mais coerente de todos), alargando até os seus credos mais conhecidos, em detrimento as demais posições vigentes na época. Você irá encontrar várias informações sobre a Ceia, sendo que essas informações são mais frutos de um compilamento, do que um trabalho de apenas uma mente, visto que o estudo proposto é um aprofundamento de uma teologia que já foi compilada (catecismos e confissões).

HISTÓRICO TEOLÓGICO DO SÉC. XVI

Não há, no período da reforma, um tema tão discutido quanto a Ceia do Senhor. A natureza da presença de Cristo na Ceia e da relação de sua morte vicária com a mesma foram assuntos que prepararam o palco para as grandes controvérsias entre os protestantes.

Quanto a questão da Ceia, a qual nos deteremos neste escrito, haviam duas perguntas que, freqüentemente, moraram no pensamento da época: Em qual o sentido o pão e o vinho são o corpo e o sangue de Cristo? E, Em que sentido os fiéis recebem o corpo e o sangue de Cristo na Ceia?

Evidentemente, as perguntas estão intimamente ligadas, visto que a última será conseqüência da primeira. Não obstante, qualquer resposta que dermos a essas questões podem mudar a teologia da ceia, assim como premissas mudam a conclusão lógica.

Não obstante, os protestantes divergiam não apenas com os católicos romanos, mas, inclusive entre si. Vejamos, portanto, alguns concepções teológicas da época.

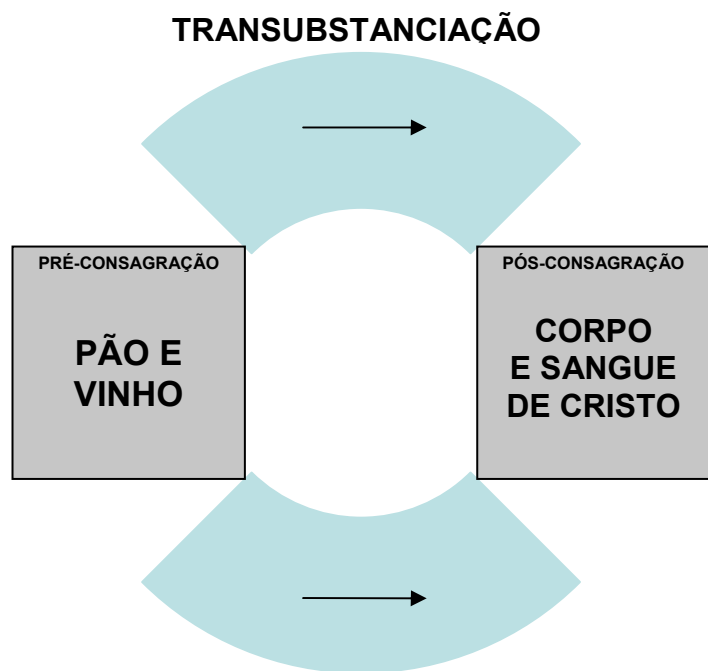


Diagrama 1

Posicionamentos teológicos vigentes na época

Antes de adentrarmos nos credos reformados propriamente ditos, devemos estar a par do contexto histórico e teológico em que se desenvolveu a doutrina reformada da presença do Senhor na Ceia. Vejamos algumas posições vigentes na época:

(1) *Transubstanciação*: Este é um ensinamento escolástico adotado para expressar a realidade ontológica da presença sacramental de Cristo na Eucaristia. É realçada a presença do Cristo total em suas duas naturezas, divina e humana. Ensina que o pão e o vinho é miraculosamente transformada no corpo e sangue de Cristo, sendo que seu ser não é mais pão e vinho, mas, verdadeiramente, o corpo e o sangue de Cristo, embora visivelmente isso não seja perceptível. Atribui-se a Paschasius Radbert essa concepção. Essa definição foi formulada no IV Concílio Lateranense, em 1215. (v. diagrama 1)

(2) *Consubstanciação*: Tal doutrina ensina que o corpo e sangue de Cristo se fazem presentes “em, com e sob” a Ceia de forma real e substancial, sendo que o pão e o vinho permanecem os mesmos. Ou seja, o pão e o vinho, bem como o corpo e o sangue de Cristo, estão simultaneamente presentes na Santa Ceia. Essa tese tem sido considerada de autoria de Pedro d’Ailly, um nominalista, e jamais foi negada totalmente pela

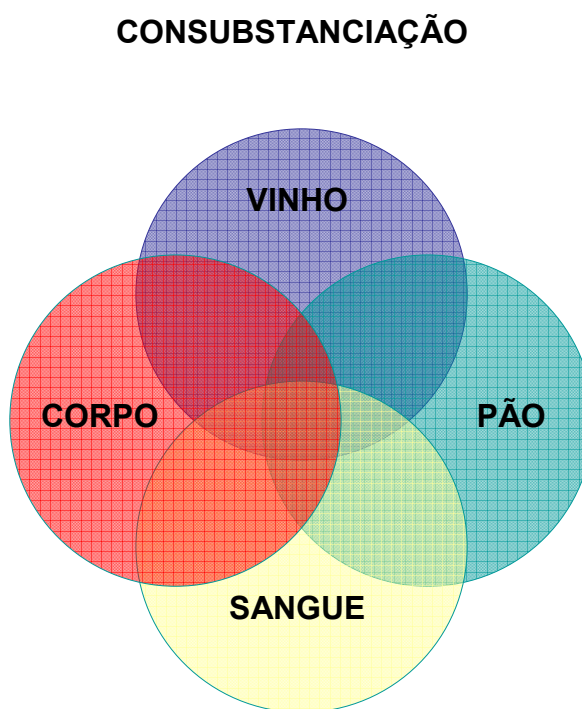


Diagrama 2

teologia oficial da época¹. Veja diagrama 2.

(3) *Memorial simbólico*: Define a ceia apenas como um ato de comemoração e representação simbólica do sacrifício único e suficiente de Cristo. No “*Expositio Christianae Fidei*”, Zwinglio diz: “o corpo substancial natural de Cristo, no qual ele sofreu, e no qual ele está agora sentado à destra de Deus, não é na Ceia do Senhor comido fisicamente, nem quanto à sua essência, mas apenas espiritualmente”².

(4) *Presença Espiritual*: O pão e o vinho permanecem os mesmos, mas o Espírito Santo faz com que o crente, pela fé, goze a presença de Cristo de um modo que é glorioso e real, ainda que indescritível. Não entraremos em detalhes agora nessa posição, visto que a estudaremos mais exaustivamente na exposição dos símbolos de fé reformados, herdeiros diretos da teologia de Calvino.

Observe os diferentes entendimentos:

POSIÇÕES VIGENTES NA ÉPOCA DA REFORMA	
POSIÇÃO	ENTENDIMENTO
Transubstanciação	Os elementos são transformados no corpo e sangue;
Consubstanciação	O corpo, o sangue, o pão e o vinho estão presentes;
Memorial Simbólico	O corpo está espiritualmente presente;
Espiritual	Participação real do corpo e sangue, ainda que espiritual.

¹ Henri Strohl, *O pensamento da Reforma* (São Paulo: ASTE, 1963), 225.

² Ulrico Zwinglio em Charles Hodge, *Teologia Sistemática* (São Paulo: Hagnos, 2001), 1483.

Igreja Católica Romana e seu entendimento da Ceia do Senhor

No decreto sobre o sacramento da Eucaristia, o Concílio de Trento definiu a presença real e a mudança do pão e do vinho no corpo e no sangue de Cristo que essa presença exige.³ Ou seja, a união sacramental acontece num sentido físico, pois o seu corpo está inseparavelmente ligado à sua alma e que, conseqüentemente, um estará onde o outro estiver. Não obstante, os acidentes, também chamados de propriedades sensíveis, continuam como eram. Essa compreensão denominou-se transubstanciação.

A teologia romanista defende que a presença do corpo e do sangue de Cristo é uma transformação permanente, visto que é uma transformação de substância, dos elementos para vero corpo e sangue de Cristo. Desta forma, Cristo está presente em cada partícula de tais elementos, sendo a mesma (neste caso, a hóstia consagrada) o motivo inclusive de ser adorada.

Os romanistas são herdeiros, em parte, de Pascasio Radberto (sec. IX), o qual foi o primeiro a falar sobre transubstanciação, tendo sua idéia fortemente combatida até o sec. XIII.

Lutero e seu entendimento da Ceia do Senhor

Lutero veio a aprimorar e solidificar seu entendimento da ceia (consubstancial) à medida que as controvérsias aconteciam. Ele atribuía ao conceito de transubstanciação como um “milagre supérfluo”.⁴ Nós iremos ver a teologia eucarística de Lutero, juntamente com suas objeções a teologia católica romana, em seu livro “O Cativo Babilônico da Igreja”.

Lutero entrou em grandes debates, tomando por empréstimo o argumento escolástico da “communicatio idiomatum”, defendeu que “a natureza humana” de Cristo “participa de todas as prerrogativas de sua divindade e, como tal, possui a faculdade da onipresença e da ubiqüidade ou, pelo menos, a

³ Não entraremos em detalhes neste pensamento, visto que este trabalho foca-se na concepção protestante, mais especificamente a reformada. Para uma melhor compreensão da concepção católica romana sobre a Eucaristia, veja **Francis Schüssler Fiorenza, John P. Galvin, Teologia Sistemática vol. 2** (São Paulo: Paulus, 1997), 337-371.

⁴ Para ver uma posição resumida de todos os cabeças da reforma sobre o tema vigente veja **Henri Strohl, O pensamento da Reforma**, 225-232.

de fazer-se acessível onde desejá-lo, como no caso da Ceia conforme as palavras da instituição”⁵. Essa declaração parte do entendimento de Lutero que Deus sempre se apresenta ao seu povo como Ele próprio se revelou a nós, ou seja, Deus feito carne. Assim, Lutero defende a presença local do corpo e do sangue físicos de Cristo na Ceia.

Em paralelo a isso, ele afirma numa correspondência que ficaria extremamente feliz se alguém pudesse convencê-lo de que os elementos da Ceia são, simplesmente, símbolos do corpo e sangue de Cristo, pois o texto não autorizava tal interpretação. A forma como a presença corpórea de Cristo acontecia era um mistério para Lutero. Para fugir da idéia que era visível aos olhos ao ver a Ceia, Lutero dizia: “ao desejar consolar-nos e cumular-nos de benção, Deus não se manifesta a nós na plenitude de sua majestade... antes, prefere agir pelos meios compatíveis com nossa limitação humana, e que nos são mais fáceis de receber”.⁶ Para Lutero o motivo pelo qual a Ceia é um sacramento é por causa da presença da Palavra. Sem dúvida alguma aqui entra o entendimento agostiniano de sacramento: “acrescentem-se a Palavra ao elemento e se obterá um sacramento”.⁷

A controvérsia entre Lutero e restante dos protestantes, que tinham idéia de presença “simbólica” ou “espiritual” de Cristo na ceia, foi bem mais extensa e complexa que com os romanistas. Gonzáles nos dá um entendimento razoável para o posicionamento tão radical de Lutero em meio de suas controvérsias:

Lutero não poderia aceitar esses pontos de vista. Suas razões para isso não foram que tais pontos de vista fossem muito radicais – ele demonstrara sua inclinação para ser radical quando a situação o exigia – mas que eles contrariavam o que Lutero entendeu ser o sentido claro da Escrituras, e estavam baseados em perspectivas diferentes do ensino da Escritura. O texto da Bíblia dizia claramente e sem ambigüidade: “Isto é o meu corpo”. Portanto, era exatamente isso que Cristo queria dizer. Nesse aspecto, Lutero estava convencido de que os católico-romanos estavam mais próximos do sentido verdadeiro da Escritura do que seus oponentes protestantes. Portanto, ele

⁵ Ibid, 227.

⁶ Ibid, 230.

⁷ Agostinho em **Bengt Hägglund**, *História da teologia* (Porto Alegre: Concórdia, 1999), 205.

declarou que antes comeria o corpo de Cristo com os papistas do que o faria com os entusiastas.⁸

Lutero escreveu dois livros importantes sobre a ceia: (1) Contra os profetas celestiais – ataque a teologia da Ceia de Carlsdadt; (2) Confissão no tocante à Ceia do Senhor – resposta final de Lutero aos seus oponentes teológicos, após vários tratados menores serem escritos por ele e pelos seus adversários.

Ademais, é importante lembrar que, no entendimento de Lutero, ao contrário do pensamento romanista, a presença do corpo e do sangue de Cristo na Ceia se limita ao tempo em que a mesma é administrada.

Zwinglio e seu entendimento da Ceia do Senhor

Zwinglio, em contrapartida a Lutero, afirmava que o corpo de Cristo, em sua natureza humana como tal, acha-se, desde a ascensão, no céu e não pode estar presente na terra. Ecolampádio fez um estudo nos escritos dos pais da Igreja, os quais, no entendimento dele, tinham seu entendimento de Ceia mais próximo de Zwinglio que de Lutero⁹. Isso era tão claro na mente do referido reformador que ele não teve preocupação de celebrar a ceia constantemente, como é o caso de outros reformadores. Ele a celebrava quatro vezes por ano, em média.

Por duas razões Zwinglio demonstrava sua oposição a Lutero, no tocante a Ceia: (1) seu entendimento do relacionamento entre o material e o espiritual, de forma que um sacramento só poderia ser espiritualmente proveitoso, se o mesmo for puramente espiritual; (2) a perspectiva da encarnação.¹⁰ Inclusive, Zwinglio escreveu um livro sobre a ceia, chamado “Amica exegesis”, dirigida especialmente a Lutero.

A posição de Zwinglio está bem expressa em um documento apresentado ao concílio de Zurique, em 1523. Em tal documento, vemos que

⁸ **Justo L. Gonzáles**, *Uma história do pensamento cristão vol. 3* (São Paulo: Cultura Cristã, 2004), 66.

⁹ **Strohl**, *O pensamento da Reforma*, 226. Visto que o presente trabalho é restrito aos sécs. XVI-XVII, não podemos citar tais pais. Mas, para ver uma lista de citações que corroboram com o dito de Ecolampádio, veja **Samuel Vila e Dario A. Santamaria**, *Enciclopédia ilustrada de historia de la Iglesia* (Barcelona: CLIE, 1979), 547.

¹⁰ **Justo L. Gonzáles**, *Uma história do pensamento cristão vol. 3*, 84.

Zwinglio acreditava que a Ceia do Senhor era uma espécie de alimento da alma, e Cristo a instituiu como ordenança para um memorial dEle próprio. Adiciona-se a isso que, as confissões que mais se assemelham com o pensamento zuingliano são a “Confissão Tetrapolitana”, a “Primeira Basílio” e a “Primeira Helvética”.

Colóquio de Marburgo

Os reformadores fizeram de tudo para conciliar suas idéias com os luteranos. Tal sentimento se devia como prevenção de um cisma no meio protestante.¹¹ Junta-se a isso que, após o histórico protesto de Espira (1529), era certo que os protestantes teriam, num futuro próximo, de lutar em razão de sua fé. Não é de estranhar, portanto, o desejo e o esforço dos príncipes luteranos e zuinglianos por uma união entre os protestantes, fazendo assim uma aliança com o fim de aliarem suas forças contra os seus oponentes católicos. A reconciliação entre os protestantes alemães e suíços era desejada ardentemente por ambos. Para tal, foi convocado um encontro teológico, dentre os participantes estavam Lutero e Zwinglio. Este encontro, denominado “colóquio de Marburgo”, aconteceu em 1529. O resultado deste colóquio foi concordância mútua em todos os pontos teológicos tratados, com a exceção à presença de Cristo na Ceia. Concordaram em quatorze dos quinze assuntos básicos sobre o cristianismo. No entanto, apesar do número tão amplamente favorável, por causa deste único artigo de fé os reformadores não chegaram a um tratado de união.

Ao que parece, certos reformadores estavam tão intimamente ligados aos seus conceitos eucarísticos durante a controvérsia, que mal puderam expor com clareza seu pensamento, durante o colóquio. Strohl escreve algo interessante sobre isso:

Afinal, qual era a verdadeira intenção de Lutero? Que se desse lugar, em todo ofício divino, à presença, à ação, à iniciativa de Deus. Quando Zwinglio definia a Ceia como ato de comemoração da morte do Salvador, parecia a Lutero que em Zurique o que se celebrava era um Cristo ausente. A cerimônia comemorativa era como que um ato

¹¹ **Charles Hodge**, *Teologia Sistemática*, 1482.

humano, um desses pobres atos humanos, para Lutero, sem valor. Não obstante, Zwinglio via em todo ato desse gênero a manifestação daquela fé que só pode existir quando gerada pelo próprio Deus presente. De modo particular, a Ceia era, para ele, o ato da benevolência divina para conosco... pena que não soube dizê-lo assim claramente em Marburgo, tão entretido que estava em defender sua posição. Por outro lado, também Lutero, apegado aos seus conceitos, não pôde reconhecer que Bucer e Ecolampádio participavam de sua intenção de afirmar a presença divina – o encontro com Deus – no ato da Ceia.¹²

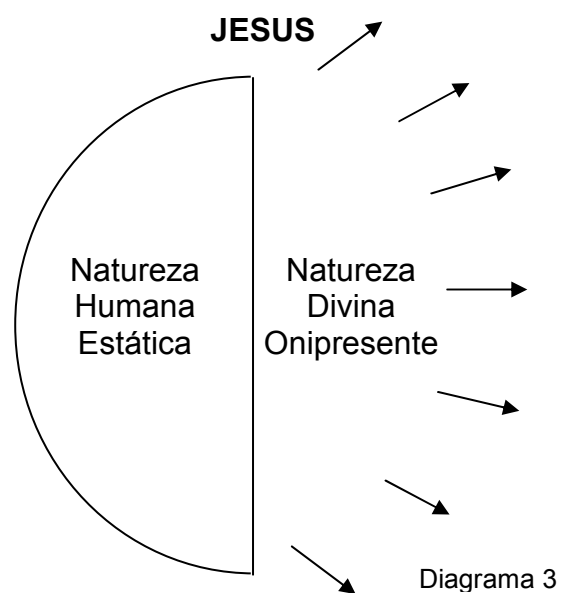
Calvino e seu entendimento da Ceia do Senhor

Após esse emaranhado, surge Calvino como um reformador de segunda geração, herdeiro do pensamento reformado já esboçado pelos seus antecessores, cujas ranhuras e debates renderam a Calvino o privilégio de saber as brechas de cada posição.

Adenda-se o fato que, provavelmente, Calvino possa ter sido herdeiro de Berengario de Tours (999-1088). Escreveu seu entendimento num

tratado chamado *De Sacra Coena*, sendo que seu entendimento e de Calvino formam uma linha muito tênue, quando o mesmo fala de uma presença virtual do corpo de Cristo na Ceia. O pensamento Berengario foi condenado postumamente como herege pelo IV Concílio Lateranense (1215), quando este adotou a doutrina da transubstanciação, apesar de ter vivido seus últimos anos como eremita, visto que suas doutrinas foram consideradas perigosas para a Igreja Medieval.

Calvino é a via média entre a teologia da Ceia de Lutero e a de Zwinglio, se bem que se aproximava mais do último. Calvino não concebia que a Ceia era simplesmente uma cerimônia de valor simbólico do sacrifício de Cristo. Observe a crítica severa que o mesmo deu a este entendimento:



¹² Ibid, 228.

Eu concedo, de fato, que o partir do pão é simbólico, e não a própria substância, porém, mesmo admitindo isto quanto à apresentação do símbolo, podemos justamente inferir da comunicação da substância, pois a menos que alguém possa chamar Deus um enganador, não se pode admitir que ele coloque diante de nós um sinal vazio.¹³

Não obstante, distanciava-se do luteranismo, quando estes demonstravam sua crença na presença de Cristo na Ceia em sentido substancial. Calvino defendia que o corpo de Cristo, ligado com sua natureza humana, é finito e, conseqüentemente, não poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo (e.g., no céu e no sacramento). E mais, como explica Hägglund, “o corpo de Cristo não pode participar do infinito que caracteriza a divindade”.¹⁴ R. C. Sproul define isso muito bem no diagrama 3.¹⁵

Calvino chegou a ponto de afirmar que estaria disposto a admitir qualquer coisa que seja para expressar a comunicação substancial do corpo e do sangue de Cristo, desde que (1) nada venha a depreciar à glória celeste de Cristo¹⁶ e que (2) nada que seja atribuído ao corpo de Cristo seja incompatível com sua natureza humana, no que concerne a sua presença finita.

No que diz respeito a doutrina da transubstanciação, Calvino achava isso um absurdo. Calvino defendia que, desde que o propósito divino seja nos elevar para Ele por meios convenientes, era, no mínimo, obstinácia defender que o corpo de Cristo estava invisivelmente encoberto sob um pão. A isso, Calvino adicionava que “a causa de tão estúpido conceito é o terem considerado a consagração como espécie de encantação mágica”.¹⁷

Desta forma, defendia a interpretação figurada das palavras de Jesus. Calvino entendia que não estava tirando o sentido do texto, pelo contrário, ele acreditava que estava sendo o mais literal possível e que a intenção de Jesus na instituição da ceia era aquela mesma.

Para Calvino a Ceia era a participação real do corpo e do sangue de Cristo, ainda que espiritual. Daí a importância tão grande que Calvino irá dar

¹³ João Calvino em **Julio Andrade Ferreira**, ed., *Antologia Teológica* (São Paulo: Novo Século, 2003), 581-582

¹⁴ **Bengt Hägglund**, *História da teologia*, 228.

¹⁵ **R. C. Sproul**, “Essencial Truths of the Christian Faith” [arquivo .pdf], 1992. Com leve adaptação.

¹⁶ Neste ponto, mais especificamente, Calvino referia-se ao pensamento de Lutero da consubstanciação, quando o mesmo defende a presença de real Cristo na Ceia, bem como os próprios elementos, sendo que estes, por si sós, são passivos de corrupção.

¹⁷ João Calvino em **Julio Andrade Ferreira**, ed., *Antologia Teológica*, 583.

ao fator da fé. Ele diz: “cremos nós comemos a carne de Cristo, porque ele se torna realmente nosso pela fé, e que este comer é o fruto e o efeito da fé”.¹⁸ De forma que, os crentes deveriam receber esse símbolo com fé, pois o entendimento humano não é capaz de compreender, a saber, o que realmente une coisas que são separadas por tão incalculável distância.

Calvino tinha em mente que somente na crucificação que o corpo tinha sido entregue aos homens. A Ceia, por sua vez, é uma ação que o próprio Deus age nos corações dos seus servos, quando Cristo se mostra de forma real nela, de forma que estes venham a crer no que está sendo simbolizado. Os crentes participam do Seu corpo e do Seu sangue pela fé. Observe o que ele diz:

Ele deu seu corpo, portanto, uma só vez para se fazer pão, a saber, quando o entregou para ser crucificado para a redenção do mundo; Ele o dá diariamente, quando, pela Palavra do Evangelho, o apresenta a nós, para que possamos participar dEle como crucificado; quando Ele confirma esta apresentação pelo mistério sagrado da Ceia; quando leva a efeito, no interior do crente, o que exteriormente está expressando. Assim Ele nos previne contra dois erros: não podemos subestimar os sinais, dissociá-los dos mistérios com os quais estão ligados, nem exagerar seu valor, obscurecendo a glória do próprio mistério... Os crentes, sempre que vêem os sinais instituídos pelo Senhor, devem se persuadir que eles são acompanhados da verdade da coisa significada. Com que propósito teria o Senhor entregue em nossas mãos o símbolo de seu corpo se não para nos assegurar de uma real participação dele? Se é verdade que o sinal visível nos é dado para selar a doação da substância invisível, devemos sentir confiante segurança que, em receber o símbolo de seu corpo, recebemos ao mesmo tempo, o próprio corpo.¹⁹

Assim, Calvino defendia que a compreensão da Ceia em duas partes: como (1) sinal corpóreo – aquilo que representa para os fiéis as coisas invisíveis que são adaptadas à fraqueza e finitude da compreensão humana; (2) verdade espiritual – aquilo que é tipificado e exibida pelos símbolos. Ao se referir a verdade espiritual, Calvino apresentava três aspectos que ela inclui: (1) o significado, (2) a matéria ou substância, que depende do significado, e (3) a virtude ou efeito, que surge de ambos. A isto, ele explica: “o significado

¹⁸ Ibid, 580.

¹⁹ Ibid, 580.

consiste nas promessas que estão entrelaçadas com o sinal. O que chamo a matéria ou substância é Cristo, com sua morte e ressurreição. Por efeito, quero dizer redenção, retidão, santificação, vida eterna e todos os outros benefícios que Cristo nos confere”.²⁰

Consensus Tigurinus

Em 1549, o Consensus Tigurinus, ou Consenso de Zurique, uniu a Suíça zuinglianos e calvinistas na Suíça e no sul da Alemanha, prevalecendo o conceito desenvolvido por João Calvino. O motivo de tal consenso se dá pelo fato das habilidades literárias e sistemáticas de Calvino, a ponto de conciliar o partido zuingliano de Zurique e o Calvinista de Genebra numa única doutrina concernente a Ceia. Tanto é que interesse e aceitação de seus pontos teológicos a respeito da ceia ultrapassaram o sul alemão, chegando em outras regiões do referido país, à ponto de muitos pensarem que havia chegado uma concepção teológica que suplantaria o luteranismo em toda a Alemanha.²¹

O artigo 9 do referido consenso, intitulado “os sinais e as coisas significadas não são disjuntivas, mas distintas”, é importante para o que é tratado aqui. Vamos conferir o que o documento diz:

Portanto, apesar de nós distinguirmos, como nós devemos, entre os sinais e as coisas significadas, contudo nós não fazemos disjunção da realidade dos sinais, mas reconhecemos que, tudo que é abraço na fé, as promessas lá oferecidas recebem Cristo espiritualmente, com sua presença espiritual, enquanto esses que tinham sido feitos participantes de Cristo continuam e renovam aquela comunhão.²²

²⁰ Ibid, 582.

²¹ Veja mais sobre o assunto em **Justo L. Gonzáles**, *Uma história do pensamento cristão vol. 3*, 175.

²² **John Calvin**, “The Consensus Tigurinus” [arquivo .html], Novembro de 2005. Minha tradução.

TEOLOGIA CONCERNENTE À CEIA NOS SÍMBOLOS DE FÉ REFORMADOS

Definição da Ceia do Senhor

Antes de adentrarmos em minúcias teológicas, como é caracterizado o tema aqui por nós abordado, é mister que tenhamos o entendimento que os teólogos, que foram autores dos símbolos de fé reformados, tinham sobre o assunto. Para tal, vejamos a definição dos teólogos de Westminster expressos, respectivamente, no Catecismo Maior e Menor de Westminster, os quais representam muito bem a compreensão reformada:

A Ceia do Senhor é o sacramento do Novo Testamento no qual, dando-se e recebendo-se pão e vinho, conforme a instituição de Cristo, é anunciada sua morte; e os que dignamente participam dele, alimentam-se do corpo e do sangue de Cristo para sua nutrição espiritual e crescimento na graça; tem a sua união e comunhão com Ele confirmadas; testemunham e renovam a sua gratidão e consagração a Deus e o seu mútuo amor uns com os outros, como membros do mesmo corpo místico.²³

A Ceia do Senhor é o sacramento pelo qual, dando-se e recebendo-se pão e vinho, conforme a recomendação de Cristo, se anuncia a sua morte, e aqueles que dele participam dignamente tornam-se (não de uma maneira corporal e carnal, mas pela fé) participantes do seu corpo e do seu sangue, com todas as suas bênçãos, para o seu alimento espiritual e crescimento em graça.²⁴

Archibald A. Hodge esboça três pontos que, no seu entendimento, são essenciais nas definições supracitadas²⁵. Vejamos os pontos apontados por Hodge e comentados por nós:

(1) *Os elementos, pão e vinho, foram dados e recebidos segundo a instituição de Jesus*: o princípio sola scriptura é sempre uma marca da fé reformada. Jesus deu ordens expressas em palavras de comando: “tomai e comei”. Os teólogos de Westminster evocam as passagens de Jesus os quais ele institui e recomenda a ceia em memória do Senhor (Mt 26.26-28; Mc 14.22-24; Lc

²³ *Catecismo Maior de Westminster*, pergunta 168.

²⁴ *Catecismo Menor de Westminster*, pergunta 96.

²⁵ **A. A. Hodge**, *Esboços de Teologia* (São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2001), 887.

22.17-20; 1Co 10.16-17; 11.23-30). O princípio reformado é que a essência dessa ordenança que seja uma ação, desde o início até o seu fim, seu uso é divinamente ordenado. Tal é a preocupação de mostrar que a instituição é bíblica, que uma referência ao Novo Testamento no Catecismo Maior irá se fazer presente. Um dos prováveis motivos, além do princípio sola scriptura, que essa sentença apresenta é dar margem para defesa contra os argumentos contrários dos espiritualistas, que negavam categoricamente a necessidade do uso dos sacramentos. A respeito disso, George diz:

Os espiritualistas... estavam menos preocupados com a Igreja externa, visível, do que com a aparência interior do Espírito. Alguns deles, como Kasper Schwenckfeld, chegaram a acreditar que todas as externalias, até mesmo o batismo nas águas e a ceia do Senhor, podiam ser eliminados em favor do testemunho interno do Espírito.²⁶

*(2) O propósito daqueles que recebem a ceia, em comemoração dEle e em obediência a seu mandato, é anunciar a sua morte até que Ele venha: Desta forma, a Ceia não tem simplesmente uma referência passada à morte de Cristo. Ela tem uma referência presente à nossa participação corporativa em Cristo, mediante a fé. Não obstante, ainda, ela tem uma referência futura, na segunda vinda de Cristo. A isso deve-se a promessa por parte Daqule que a instituiu, encorajando os crentes, esperançosos em suas vidas terrenas, para na consumação de todas as coisas participarem do Seu triunfo;*²⁷

(3) A prometida presença de Cristo no sacramento, por Seu Espírito, de modo que aqueles que o recebem dignamente tornam-se participantes do corpo e do sangue de Cristo, com todos os seus benefícios, não de uma maneira corporal e carnal, e sim pela fé, para seu alimento espiritual e crescimento na graça: os sacramentos são selos da aliança da graça feita entre Cristo e seu povo. Na Ceia do Senhor os fiéis, real e verdadeiramente, recebem e aplicam a si mesmos Cristo crucificado. É evidente a declaração reprovativa que os teólogos de Westminster dão à idéia da transubstanciação e consubstanciação, quando Catecismo Menor diz: “aqueles que dele participam dignamente

²⁶ Timothy George, *Teologia dos Reformadores* (São Paulo: Vida Nova, 1993), 254.

²⁷ Veja a nota teológica sobre “A Ceia do Senhor” na *Bíblia de Estudo de Genebra* (São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999), 1360.

tornam-se (não de uma maneira corporal e carnal, mas pela fé) participantes do seu corpo e do seu sangue”.²⁸

Os ditos dos símbolos reformados

CONCORDÂNCIA CONFESSIONAL REFORMADA DA PRESENÇA DE CRISTO NA CEIA	
SÍMBOLO DE FÉ	REFERÊNCIA
Confissão de Fé de Westminster	Cap. XXIX, seções II, V e VII
Catecismo Maior de Westminster	Pergunta 170
Catecismo Menor de Westminster	Pergunta 96
Confissão Belga	Cap. XXXV
Confissão Escocesa	Cap. XXI
Catecismo de Heidelberg	Pergunta 76, 78 e 79
Segunda Confissão de Fé Helvética	Cap. XXI

Confissão Escocesa

A dita confissão diz:

Assim como os patriarcas sob a Lei, além da realidade dos sacrifícios, tinham dois sacramentos principais, isto é, a circuncisão e a páscoa, e aqueles que os desprezavam e negligenciavam não eram contados entre o povo de Deus, assim nós também reconhecemos e confessamos que agora na era do Evangelho, só temos dois sacramentos principais, instituídos por Cristo e ordenados para uso de todos os que desejam ser considerados membros de seu corpo, isto é, o Batismo e a Ceia ou Mesa do Senhor, também chamada popularmente Comunhão do seu Corpo e do seu Sangue. Esses sacramentos, tanto do Velho Testamento como do Novo, foram instituídos por Deus, não só para estabelecer distinção visível entre o seu povo e os que estavam fora da Aliança, mas também para exercitar a fé dos seus filhos e, pela participação de tais sacramentos, selar em seus corações a certeza da sua promessa e daquela associação, união e sociedade mui felizes que os escolhidos têm com seu Cabeça, Jesus Cristo. E, assim, condenamos inteiramente a vaidade dos que afirmam que os sacramentos não são outra coisa que meros sinais desnudos... cremos também que na Ceia corretamente usada, Cristo se une de tal modo a nós, que se torna o

²⁸ Ibid.

próprio alimento e sustento de nossas almas. Não que imaginemos qualquer transubstanciação do pão no corpo natural de Cristo e do vinho em seu sangue natural, como têm ensinado perniciosamente os pontíficos e como crêem para sua condenação; mas essa união e associação que temos com o corpo e o sangue natural, como têm ensinado perniciosamente os pontíficos e como crêem para sua condenação; mas essa união e associação que temos com o corpo e o sangue de Jesus Cristo no uso reto dos sacramentos se realiza por meio do Espírito Santo, que pela verdadeira fé nos transporta acima de todas as coisas visíveis – que são carnis e terrenas – e nos habilita a alimentar-nos do corpo e do sangue de Jesus Cristo, uma vez partido e derramado por nós, e que agora está no céu e se apresenta por nós na presença do Pai. Não obstante a distância entre o seu corpo agora glorificado no céu e nós mortos aqui na terra, contudo cremos firmemente que o pão que partimos é a comunhão do corpo de Cristo e o cálice que abençoamos é a comunhão do seu sangue. Assim, confessamos, e cremos sem nenhuma dúvida, que os fiéis, mediante o uso reto da Ceia do Senhor, comem o corpo e bebem o sangue de Jesus Cristo, porque ele permanece neles e eles nele; eles, até, se tornam carne da sua carne e osso dos seus ossos de maneira tal que, como a Divindade eterna conferiu à carne de Jesus Cristo vida e imortalidade, assim também o comer e o beber da carne e do sangue de Jesus Cristo nos confere essas prerrogativas... Além disso afirmamos que, embora os fiéis, impedidos pela negligência e pela fraqueza humana, não aproveitem tanto quanto desejariam, na própria ocasião em que se celebra a Ceia, no entanto subseqüentemente ela produzirá frutos, sendo semente viva semeado em boa terra, pois o Espírito Santo, que nunca pode estar separado do uso reto da Instituição de Cristo, não privará os fiéis do fruto dessa ação mística...²⁹

Confissão Belga

Eis o texto:

Cremos e confessamos que nosso Salvador Jesus Cristo ordenou e instituiu o sacramento da santa ceia, a fim de alimentar e sustentar aqueles que Ele já fez nascer de novo e incorporou à sua família, que é a sua igreja. Agora, aqueles que nasceram de novo têm duas vidas diferentes. Uma é corporal e temporária: eles a trouxeram de seu primeiro nascimento e todos os homens a têm. A outra é espiritual e celestial: ela lhes é dada no segundo nascimento que se realiza pela palavra do Evangelho, na comunhão com o corpo de Cristo. Esta vida apenas os eleitos de Deus possuem. Assim Deus ordenou para a manutenção da vida corporal e terrestre, pão comum, terrestre, que todos recebem como recebem a vida. Porém, a fim de manter a vida

²⁹ *Confissão Escocesa*, cap XXI.

espiritual e celestial, que os crentes possuem, Ele lhes enviou um "pão vivo, que desceu do céu" (João 6:51), isto é, Jesus Cristo. Ele alimenta e mantém a vida espiritual dos crentes quando é comido, quer dizer: aceito espiritualmente e recebido pela fé. A fim de nos figurar este pão espiritual e celestial, Cristo ordenou um pão terrestre e visível como sacramento de seu corpo e o vinho como sacramento de seu sangue. Com eles nos assegura: tão certo como recebemos o sacramento e o temos em nossas mãos e o comemos e bebemos com nossa boca, para manter nossa vida, tão certo recebemos em nossa alma pela fé - que é a mão e a boca da nossa alma, o verdadeiro corpo e o verdadeiro sangue de Cristo, nosso único Salvador, para manter nossa vida espiritual. Agora, há certeza absoluta de que Jesus Cristo não nos ordenou seus sacramentos a toa. Então, Ele realiza em nós tudo o que nos apresenta por estes santos sinais, embora de maneira além da nossa compreensão, como também a ação do Espírito Santo é oculta e incompreensível. Entretanto, não nos enganamos, dizendo que, o que comemos e bebemos, é o próprio corpo natural e o próprio sangue de Cristo. Porém, a forma pela qual os tomamos não é pela boca, mas, espiritual, pela fé. Desta maneira, Jesus Cristo permanece sentado a direita de Deus, seu Pai, no céu e, contudo, Ele se comunica a nós pela fé. Nesta ceia festiva e espiritual, Cristo nos faz participar de si mesmo com todas as suas riquezas e dons e deixa-nos usufruir tanto de si mesmo como dos méritos de seu sofrimento e morte. Ele alimenta, fortalece e consola nossa pobre alma desolada pelo comer de seu corpo, e a reanima e renova pelo beber de seu sangue. Depois, embora os sacramentos estejam unidos com a realidade da qual são um sinal, nem todos recebem ambos. O ímpio recebe, sim, o sacramento, para sua condenação, mas não a verdade do sacramento, como Judas e Simão, o Mago: ambos receberam o sacramento, mas não a Cristo que por este é figurado. Porque somente os crentes participam dEle. Finalmente, recebemos na congregação do povo de Deus este santo sacramento com humildade e reverência. Assim comemoramos juntos, com ações de graça, a morte de Cristo, nosso Salvador, e fazemos confissão da nossa fé e da religião cristã. Por isto, ninguém deve participar da ceia antes de ter-se examinado a si mesmo, da maneira certa, para, enquanto comer e beber, não comer e beber juízo para si (I Coríntios 11:28,29). Em resumo, somos movidos, pelo uso deste santo sacramento, a um ardente amor para com Deus e nosso próximo. Por esta razão rejeitamos como profanação dos sacramentos todos os acréscimos e abomináveis invenções que o homem introduziu neles e misturou com eles. E declaramos que se deve contentar com a ordenação que Cristo e seus apóstolos nos ensinaram e falar sobre os sacramentos conforme eles falaram.³⁰

³⁰ *Confissão Belga*, cap. XXXV.

Confissão de Fé de Westminster

Foi formulada por uma assembléia de teólogos. Este foram convocados por ato do Parlamento Amplo, votado em 12 de junho de 1643. Se reuniu durante o período que compreende o 1º de julho de 1643 até 22 de fevereiro de 1649. A Igreja da Escócia logo adotou a Confissão e os Catecismos formulados em Westminster. São símbolos, em geral, da Igreja Presbiteriana, de derivação inglesa ou escocesa. Foi a base ou fundamento de muitas outras confissões.³¹

Os teólogos de Westminster, ao escreverem o capítulo sobre a ceia do Senhor, tiveram nas seções II, V e VII os pontos que divergiam a alguns outros credos reformados. Eis as seções:

II. Neste sacramento não se oferece Cristo a seu Pai, nem de modo algum se faz um sacrifício pela remissão dos pecados dos vivos ou dos mortos, mas se faz uma comemoração daquele único sacrifício que Ele fez de si mesmo na cruz, uma só vez, e por meio dele uma oblação de todo o louvor a Deus; assim o chamado sacrifício papal da missa é sobremodo ofensivo ao único sacrifício de Cristo, o qual é a única propiciação por todos os pecados dos eleitos.

V. Os elementos exteriores deste sacramento, devidamente consagrados aos usos ordenados por Cristo, têm tal relação com Cristo Crucificado, que verdadeira, mas só sacramentalmente, são às vezes chamados pelos nomes das coisas que representam, a saber, o corpo e o sangue de Cristo; porém em substância e natureza conservam-se verdadeira e somente pão e vinho, como eram antes.

VII. Os que comungam dignamente, participando exteriormente dos elementos visíveis deste sacramento, também recebem intimamente, pela fé, a Cristo Crucificado e todos os benefícios da sua morte, e nele se alimentam, não carnal ou corporalmente, mas real, verdadeira e espiritualmente, não estando o corpo e o sangue de Cristo, corporal ou carnalmente nos elementos pão e vinho, nem com eles ou sob eles, mas espiritual e realmente presentes à fé dos crentes nessa ordenança, como estão os próprios elementos aos seus sentidos corporais.³²

³¹ **A. A. Hodge**, *Esboços de Teologia*, 166.

³² *Confissão de Fé de Westminster*, cap. XXIX, seções II, V e VII.

Catecismo Maior de Westminster

Ao perguntar sobre “como Deus ordenou que o pão e o vinho fossem dados e recebidos no sacramento da Ceia do Senhor”, o referido documento diz:

Cristo ordenou que os ministros da Palavra, na administração deste sacramento, separassem o pão e o vinho do uso comum pela palavra da instituição, ações de graça e oração; que tornassem e partissem o pão e dessem, tanto este como o vinho, aos comungantes, os quais, pela mesma instituição, devem tomar e comer o pão e beber o vinho, em grata recordação de que o corpo de Cristo foi partido e dado, e seu sangue derramado por eles.³³

Segunda Confissão de Fé Helvética

Esta confissão foi a substituta da primeira Confissão de Fé Helvética de 1536. Ela foi preparada por Bullinger, em 1564, e publicada em 1566. Todas as igrejas reformadas da Suíça, com exceção da Igreja de Basileia (conservou a Primeira Confissão Helvética), e pelas igrejas reformadas da Escócia, Polônia, França e Hungria. Tem grande prestígio e autoridade no meio reformado.³⁴

Ao aludir sobre a presença de Cristo na Santa Ceia o texto da Segunda Confissão de Fé Helvética diz:

...UM MEMORIAL DAS BENÇÃOS DE DEUS. Por este rito sagrado o Senhor deseja manter em viva lembrança a maior benção que concedeu aos mortais, a saber, que pelo dom do seu corpo e pelo derramamento do seu sangue Ele perdoou todos os nossos pecados e nos redimiu da morte eterna e do poder do Diabo, e agora nos alimenta com a sua carne e nos dá a beber o seu sangue, os quais, recebidos espiritualmente com verdadeira fé, nos alimentam para a vida eterna. E essa benção tão grande se renova tantas vezes quantas é celebrada a Ceia do Senhor. Eis o que disse o Senhor: “Fazei isto em memória de mim”. Esta Santa Ceia sela, também, para nós, que o próprio corpo de Cristo foi verdadeiramente entregue por nós, e seu sangue

³³ *Catecismo Maior de Westminster*, pergunta 196. Não iremos citar a pergunta do Catecismo Menor de Westminster sobre a presença de Cristo na Ceia, visto que a mesma já foi citada quando definimos a Ceia na perspectiva reformada.

³⁴ **A. A. Hodge**, *Esboços de Teologia*, 164.

vertido para remissão dos nossos pecados, afim de que em nada a nossa fé venha a vacilar. O SINAL É A COISA SIGNIFICADA. E isto é visivelmente representado de modo exterior por este sacramento pelo ministrante e, como que exposto aos olhos para ser contemplado, aquilo que pelo Espírito Santo é concedido interiormente na alma de maneira invisível... Portanto, os fiéis recebem o que é dado pelo ministro do Senhor, e comem o pão do Senhor e bebem do cálice do Senhor. Ao mesmo tempo, pela obra de Cristo por meio do Espírito Santo, interiormente recebem também a carne e o sangue do Senhor e deles se alimentam para a vida eterna. Pois a carne e o sangue de Cristo são o verdadeiro alimento e a verdadeira bebida para a vida eterna; e Cristo mesmo, desde que foi entregue por nós e é nosso Salvador, é o principal elemento na Ceia, e não permitimos que nenhuma outra coisa seja colocada em seu lugar. Mas, para que se compreenda mais retamente e com clareza como a carne e o sangue de Cristo são alimento e a bebida dos fiéis, e são recebidos pelos fiéis para a vida eterna, acrescentaríamos estas poucas coisas. Há mais de uma espécie de comer. Há o comer corporal, pelo qual o alimento é posto pelo homem na boca, mastigado com os dentes e deglutido para o estômago... desde que a carne de Cristo não pode ser comida corporalmente, sem infâmia e selvageria, assim ela não é alimento para estômago. O COMER O SENHOR ESPIRITUALMENTE. Há também um comer espiritual do corpo de Cristo; não que pensemos que, por isso, o próprio alimento se mude em espírito, mas o corpo e o sangue do Senhor, embora permanecendo em sua própria essência e propriedade, nos são espiritualmente comunicados, certamente não de modo corporal, mas espiritual, pelo Espírito Santo, que aplica em nós e nos confere estas coisas que nos foram preparadas pelo sacrifício do corpo e do sangue do Senhor por nós, a saber, a remissão de pecados, o livramento e a vida eterna; de tal modo que Cristo vive em nós e nós vivemos nele, sendo que Ele nos possibilita recebê-lo pela verdadeira fé para que possa tornar-se, para nós, esse alimento e bebida espirituais, isto é, nossa vida.³⁵

Catecismo de Heidelberg

Foi preparado pelos catedráticos da Universidade de Heidelberg, Zacarias Ursino e Gaspar Oleviano, em 1562, a pedido de Frederico III, príncipe eleitor do Palatinado, na Alemanha. Ursino foi um dos primeiros alunos de Melancton, sendo que, posteriormente, foi estudar sob a tutela de Calvino, em Genebra. O Catecismo de Heidelberg foi publicado em 1563.

Ao perguntar sobre o significado do comer o corpo crucificado de Cristo e beber do seu sangue, o referido catecismo diz:

³⁵ Cf. cap. XXI da referida confissão.

Não é apenas abraçar, de coração confiante, toda paixão e morte de Cristo, e por ela receber o perdão dos pecados e a vida eterna. É também estar cada vez mais unido a seu bendito corpo pelo Espírito Santo, o qual habita tanto em Cristo como em nós de modo que, embora esteja ele no céu e nós na terra, somos carne de sua carne e osso de seus ossos, sempre vivendo e sendo governados por um Espírito, como membros de nossos corpos são governados por uma alma.³⁶

Além disso, ao perguntar sobre a transformação do pão e do vinho no verdadeiro corpo e sangue de Cristo, o catecismo afirma:

Não [transformação em corpo e sangue], pois assim como a água no Batismo não se muda em sangue de Cristo, nem se torna a remissão de pecados por si mesma, mas é somente um sinal divino e confirmação dele, assim também na Cei do Senhor o pão sagrado não se torna o corpo de Cristo, embora, de acordo com a natureza e o uso dos sacramentos, seja ele chamado o corpo de Cristo.³⁷

Ao perguntar sobre o significado do comer o corpo crucificado de Cristo e beber do seu sangue, o referido catecismo diz:

Não é sem forte razão que Cristo fala dessa maneira. Ele quer ensinar-nos desse modo que, assim como o pão e o vinho sustentam a vida temporal, assim o seu corpo crucificado e o seu sangue vertido são o verdadeiro alimento e bebida de nossas almas para a vida eterna. Ainda mais, ele quer assegurar-nos, por esse sinal e o penhor visíveis, que participamos do seu verdadeiro corpo e do seu sangue pela obra do Espírito Santo tão realmente como ao recebermos na boca estes santos símbolos em memória dele, e que todos os seus sofrimentos e a sua morte propriamente são nossos, como se nós mesmos tivéssemos sofrido e dado satisfação em nossas próprias pessoas.³⁸

A teologia da presença de Cristo na Ceia nos símbolos de fé reformados

É por demais necessário, *a priori*, nos voltarmos para as duas perguntas que eram freqüentemente feitas no período que compreende a reforma e a confecção dos símbolos de fé reformados, sécs. XVI e XVII, as quais foram citadas no início deste escrito: em qual o sentido o pão e o vinho

³⁶ Cf. Pergunta 76 do *Catecismo de Heidelberg*.

³⁷ Cf. Pergunta 78 do *Catecismo de Heidelberg*.

³⁸ Cf. Pergunta 79 do *Catecismo de Heidelberg*.

são o corpo e o sangue de Cristo? E, em que sentido os fiéis recebem o corpo e o sangue de Cristo na Ceia?

Em qual sentido o pão e o vinho são o corpo e o sangue de Cristo?

Para respondermos a primeira pergunta, é mister que saibamos o entendimento dos teólogos reformados quanto o conceito de “presença”, visto que isso determina grande importância quando nos voltamos para esse entendimento. Quando falavam de presença, os teólogos reformados diziam sobre algo que opera devidamente em nossa percepção. Ou seja, como diz Hodge, “um objeto sensível está presente quando afeta os sentidos”.³⁹ Aqui, sentido se refere a nossas faculdades perceptivas. Por outro lado, “um objeto espiritual está presente quando é intelectualmente apreendido e quando age sobre a mente... por presença, entende-se não proximidade local, mas cognição e apreensão intelectual, apropriação convicta e operação espiritual”.⁴⁰

Desta forma, o sentido que os reformadores passam, quando afirmam que Cristo está presente na Ceia, de forma alguma se torna contradizente. Quando os crentes, pela fé, apreendem o símbolo ali representado, eles verdadeiramente, porquanto espiritualmente, participam do corpo e do sangue de Cristo.

A questão “não” é simplesmente com a proximidade “local”, “mas”, ultrapassando isso, a própria “eficácia” do sacrifício de Cristo. Cristo está presente na Ceia espiritualmente. Isto requerer que a mente e a fé compreendam e creiam nessa presença, visto que os sentidos, por si só, não podem apreender aquilo que é sinal de Deus.

Quando os reformadores falaram da questão da presença real de Cristo na ceia, eles chamaram “real” em um sentido oposto a “imaginário”. Desta feita, os teólogos reformados entenderam que na Ceia o que está presente é o sacrifício que Cristo ofereceu pelos seus eleitos, para que deles participem, e não o corpo e o sangue de forma absoluta. Portanto, é pela fé, e unicamente pela fé, que ele pode ser recebido, pois Cristo está presente nas promessas e não nos sinais visíveis.

³⁹ **Charles Hodge**, *Teologia Sistemática*, 1491.

⁴⁰ *Ibid*, 1491 e 1494.

Ligado a esse fator, os reformados entendem que a única transformação nos elementos, durante sua consagração, é a mudança de seu uso, de comum e geral, para sagrado e sacramental. Sendo que esta consagração não é efetuada pelo simples fato da pronuncia da frase pelo sacerdote, como é adotada no catolicismo romano: “isto é o meu corpo”. Mas, sim, pelo ato de fé.

Em que sentido os fiéis recebem o corpo e o sangue de Cristo na Ceia?

Ao pensarmos na Ceia do Senhor devemos ter o entendimento que a mesma constitui alimento para o nosso espírito. Assim, como nós nos alimentamos de certas iguarias para o sustento corporal, da mesma forma acontece com a Ceia do Senhor. Evidentemente, isso ocorre apenas pela fé. Comer o corpo e o sangue de Cristo é receber e apropriar-se dele e de sua sacrifical. De forma que, pela fé comemos seu corpo e bebemos do seu sangue para o bem da nossa alma, como manjar espiritual. Assim, compreendemos o porque da união mística tem para assegurar a todos os crentes que o próprio corpo do seu Senhor, o qual foi morto sacrificialmente por eles, nos é dado como alimento espiritual.

Hodge diz que a “fé... declara-se ser, em todas essas confissões, a mão e a boca pelas quais essa recepção e apropriação são efetuadas... comer é crer... se o ato de comer não é com a boca, e sim, pela fé, então a coisa comida tem de ser espiritual e não material”.⁴¹ Ora, o próprio ato que o Senhor nos ordena fazer, ao comer seu corpo e seu sangue, requer um ato de fé, para que assim venhamos desfrutarmos dele e de seus benefícios da redenção. Da mesma forma que Cristo e seus benefícios estão ligados entre si, os fiéis que participam dessa graça sacramental desfrutam de ambos. Em sentido análogo, Cristo não está presente corporeamente nos crentes, mas, sim, Ele está presente espiritualmente. Os crentes das antigas dispensações comiam o ritual pascal antes que Cristo fosse crucificado e instituisse, no que diz respeito à nova dispensação, a Ceia do Senhor, o que, conseqüentemente, nos leva a crer na presença espiritual de Cristo.

⁴¹ **Charles Hodge**, *Teologia Sistemática*, 1495-1497.

Diante disso, mostra-se inteira semelhança no caso da ceia: Os elementos não tiveram uma mutação cristológica! Nem muito menos o corpo e o sangue de Cristo podem estar em, sobre e com os elementos. Seria absurdo pensar que Cristo, Aquele que está assentado a destra de Deus, está presente corporalmente. Do contrário, estaríamos sendo “canibais” ao comer o corpo e o sangue de Cristo, no sentido da consubstancial proposto! Estaríamos nos igualando a muitas religiões pagãs, numa espécie de rito místico condeciente com as mesmas. Desta forma, “os crentes recebem na Ceia do Senhor não é alguma influência supernatural emanante do corpo glorificado de Cristo no céu, e, sim, os benefícios de sua morte como expiação pelo pecado”.⁴²

Devemos lembrar que Cristo e sua Igreja são um: um corpo. Somos propriedades de Cristo, em corpo e alma. De maneira que não podemos de forma alguma excluir o fato de que o nosso corpo é morado do Espírito Santo, como o seu próprio templo. Assim, como diz Janse, “Deus nos promete, ao tomar crente estes símbolos, que nos mantêm e nos guarda eternamente por meio do sacrifício de seu corpo e sangue, e faz que nos sintamos um, por meio da obra do Espírito Santo, na fé em Cristo”.⁴³ Tudo isso tem a mediação do Espírito Santo, pois assim como Cristo está presente, em sua natureza humana, no céu e nós estamos presentes aqui na terra, o Espírito Santo é quem ligar a Cabeça e os membros do corpo.

Portanto, o que nós recebemos não é um corpo e um sangue material, nem muito menos o seu corpo glorificado que está no céu. Mas, que recebemos os símbolos como o corpo e o sangue de Cristo entregue por sacrifício por seus eleitos e seu sangue para a remissão de pecados, recebendo, assim, as suas virtude ou os efeitos sacrificiais. De forma que, assim como Cristo e seus benefícios estão estritamente ligados, recebemos ambos.

⁴² Ibid, 1498.

⁴³ **J. C. Janse**, *La confesión de la iglesia – Comentário al Catecismo de Heidelberg* (Espanha-Barcelona: 2000), 121. Minha tradução.